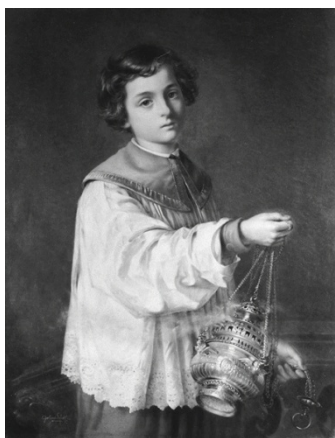


2º Encontro – Acção de formação sobre o Turíbulo

Do dicionário elementar de Liturgia



O incenso usa-se sobretudo no Oriente, e, desde muito antigamente – no Egipto, antes de chegarem os israelitas – usava-se nas cerimónias religiosas, pelo seu fácil simbolismo de perfume e festa, de sinal de honra e respeito ou de sacrifício aos deuses. À volta da Arca da Aliança e, sobretudo, no Templo de Jerusalém, era clássico o rito do incenso (cf. Ex 30). A rainha de Sabá trouxe a Salomão, entre outras prendas, grande quantidade de aromas (cf. 1 Rs 10). Os magos do Oriente ofereceram incenso, além de mirra e ouro, ao Menino de Belém, como tinha anunciado Isaías (Is 60, 6).

Os cristãos só no século IV introduziram a linguagem simbólica do incenso nas suas celebrações, quando se considerou superado o perigo anterior de confusão com os ritos idolatrários do culto romano.

Os nossos antepassados...

Da Antologia Litúrgica

Depois de um pequeno espaço de tempo, quando os clérigos começam a cantar a antífona de entrada, sai o senhor apostólico da sacristia com os bispos, presbíteros e outros ministros da Igreja, amparado pelos diáconos, precedido dos acólitos com 7 candelabros de ouro e prata, com círios acesos e com turíbulos, e aproxima-se do altar. (Ordo Romanus XV, 13, século VIII, 6069).

Então o bispo benze as hóstias e diz: «Vinde santificador omnipotente, Deus eterno, e abençoai este sacrifício, preparado por Vós, que viveis e reinais pelos séculos dos séculos», volta-se e toma o incenso do guardião da igreja e, pondo-o no turíbulo, oferece-o ao altar e entrega-o ao arquidiácono. (Ordo Romanus XI, 46, século VIII, 5948).

«(...) lancemos um olhar divino à dupla deslocação do pontífice, enquanto se dirige, espalhando perfume, primeiro desde o altar dos divinos sacrifícios até aos extremos do santuário e, depois no regresso ao altar para fazer o sacrifício.» (Pseudo-Dionísio Areopagita, Século V, 4576)